

PERFORMANCES POÉTICO-INSURGENTES: OCUPAÇÕES DE MUNDOS POR MULHERES PRETAS E GORDAS NAS CONFLUÊNCIAS ENTRE ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO DE VIDA.

POETIC-INSURGENT PERFORMANCES: OCCUPATIONS OF WORLDS BY BLACK AND FAT WOMEN AT THE CONFLUENCES OF ART, CULTURE, AND LIFE PRODUCTION.

Valéria Monteiro Mendes¹

Laura Camargo Macruz Feuerwerker²

Resumo: Reconhecendo que o cuidado pertencente a todos e que a saúde formal/institucional pouco considera o vivido nos territórios, compartilharemos a construção de uma pesquisa cartográfica interessada na produção da vida nos territórios, vinculada ao Programa de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da USP. Orientadas pelas apostas/experimentações/formulações do grupo de pesquisa Micropolítica e Saúde, tecemos um percurso orientado pela observação participante, conversas abertas e distintos registros. Dos resultados, traremos os movimentos de mulheres-artistas negras e gordas nas confluências entre arte-cultura-produção do existir que ofertam sinais-aprendizagens possíveis para trabalhadoras(es) acerca da criação de um SUS público para todas as vidas.

Palavras-chave: Território Sociocultural; Artes; Vida; Cartografia; Pesquisa Qualitativa.

Abstract: Recognizing that care belongs to everyone and that formal/institutional health systems often disregard the lived experiences within territories, we will share the cartographic research project linked to the Public Health Program of the School of Public Health at USP. Guided by the propositions, experiments, and formulations of the Micropolitics and Health research group, we have woven a path guided by participant observation, open conversations, and diverse records. From the results, we will highlight the movements of Black and fat women-artists at the confluences of art-culture-production of existence that offering signs-learnings for workers building of a public SUS for all lives.

Keywords: Sociocultural Territory; Arts; Life; Cartography; Qualitative Research.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Doutora em Ciências – Universidade de São Paulo; E-mail: valeriamm@alumni.usp.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5766-8867>.

2 Livre docente em Saúde Pública – Universidade de São Paulo; Professora Associada – Universidade de São Paulo; E-mail: laura.macruz@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6237-6167>.

Nem todo viandante anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.
(Evaristo, 2021)

De onde, como e com quem parti... implicações de uma pesquisadora-vivente

Tecer uma cartografia é produzir mundos com as existências que encontramos no caminho. Produção de um corpo para a vivência de travessias que abrem possibilidades para nos ocuparmos e sermos ocupados por nós mesmos e por uma multidão de existências, humanas e não humanas. Um processo habitado por delicadezas, tensões, desafios, agenciamentos, estranhamentos, (des)aprendizagens. Movimentos de habitar encruzilhadas experienciadas por distintas existências como algo vital que nos permitem estabelecer pontes para mundos outros.

Foi esta experiência vivenciada na construção de pesquisa de doutorado na área da saúde pública, interessada em tecer uma cartografia implicada com a produção da vida que a saúde formal/institucional pouco permite adentrar e habitar suas práticas, tendo em vista as capturas constantes e o predominante diálogo com o(s) diagnóstico(s) que compõem as vidas que demandam por cuidados em saúde (Mendes, 2020).

Assim, o presente artigo trata da apresentação de uma investigação de doutorado, vinculada ao programa de pós-graduação em saúde pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP), que buscou se encontrar com as produções vivas de práticas cuidadoras que emergem dos territórios, geralmente pouco consideradas por trabalhadoras/es e equipes de saúde em suas práticas de saúde. Consideramos que o cuidado é um ato-processo mobilizado por todos os viventes, não sendo de domínio exclusivo de profissionais de saúde a partir de seus saberes e fazeres técnico-científicos. Isso porque o cuidado envolve redes vívidas de apoio/proteção, vínculos, modos de convivência, solidariedade, saberes e práticas tradicionais e lutas coletivas que seguem em permanente fabricação nos territórios (Feuerwerker, 2016).

Cabe também ressaltar que a adoção da perspectiva cartográfica no percurso investigativo decorre de formulações/experimentações teórico-metodológicas produzidas nos últimos 15 anos pelo grupo de estudos e

pesquisa Micropolítica e Saúde, existente na FSP/USP, que reconhece o mundo em permanente processo de construção a partir da incidência de diferentes forças, que produzem relações de poder, valores e processos de subjetivação. A aposta é aproximar-se desse processo vivo para produzir visibilidades e dizibilidades. Por isso, para a cartografia, o encontro é a principal estratégia metodológica, “o resto são ferramentas” (Lima; Merhy, 2016, p. 18; Feuerwerker; Merhy, 2022, p. 21). Esse pretende ser um modo de fazer pesquisa em saúde mais compartilhado, que parte do reconhecimento do outro (usuárias/os, trabalhadoras/es, gestoras/es, movimentos sociais e comunidades) também como produtor(as/es) de conhecimentos, no contexto da inseparabilidade entre formação-pesquisa-cuidado em saúde. Disso decorre que os resultados dizem de uma composição analítica que busca interrogar o vivido, trazendo para a cena campos problemáticos que deslocam nossas interrogações e explicações iniciais, ao modo de uma permanente atualização e recomposição das questões que nos habitam.

Como se deu a formulação do problema desta pesquisa implicada em construir encontros com a vida vivida nos territórios? O que partilhar a respeito dos saberes e aprendizagens a partir das micropolíticas de produção de mundos em diferentes territórios e tão necessárias ao campo da saúde?

O debate acerca da invisibilidade da vida nos territórios para os serviços de saúde em geral é parte de um processo de produção de uma “série de intercessores” (Deleuze, 2013) que construí ao integrar o grupo Micropolítica e Saúde. Processo que inicialmente incluiu encontros com obras de Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Eduardo Viveiros de Castro, Bruno Latour, Suely Rolnik, Peter Pal Pelbart e que posteriormente foi inundado por autoras/es de matrizes afro-indígenas como parte do movimento constituído pelo grupo Micropolítica.

Caminhando com o grupo, que integra a Rede de Observatórios de Políticas Públicas, Educação e Cuidado em Saúde vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/Campus-Macaé), experienciamos a abordagem cartográfica a partir da produção de uma investigação sobre o cuidado nas redes de atenção à saúde no SUS³ que estava orientada pelo disruptivo pressuposto de que usuários/as, trabalhadoras/es e gestores/as dos serviços de saúde são também pesquisadoras/es ao produzirem saberes, práticas e conhecimento de modo permanente (Lima; Merhy, 2016; Moebus; Merhy; Silva, 2016).

3 Pesquisa Rede de Avaliação Compartilhada (RAC) / Observatório Nacional da Produção de Cuidado em Diferentes Modalidades à Luz do Processo de Implantação das Redes Temáticas de Atenção à Saúde no Sistema Único de Saúde: avalia quem pede, quem faz e quem usa, da qual decorreram dois volumes do livro Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes (Merhy et al., 2016; Feuerwerker; Bertussi; Merhy, 2016).

Produzindo um corpo nômade e ambulante (Lima; Merhy, 2016), como nos convidava a aposta ético-política-estética para outros modos de estar na pesquisa-formação-cuidado em saúde, tecemos processualmente as tramas do problema de pesquisa. Assim, o corpo da vivente-cartógrafa reconheceu uma implicação vital: estar mais próxima das sabedorias, belezas, fazeres, tensões e enfrentamentos cultivados no cotidiano da vida, deixar-me invadir e interrogar por essas forças pulsantes.

Assim, lançamo-nos em direção à tessitura de uma investigação de doutorado interessada na vida, lá nos territórios do vivido, no fora dos serviços de saúde. Um deslocamento que algumas/ns de nós iniciamos, já que anteriormente nossas pesquisas interrogavam o cuidado, dialogando com a vida de usuárias/os dos serviços, mas, a partir das implicações de colegas enquanto trabalhadoras/es e gestoras/es do SUS (Giannotti, 2013; Pereira, 2014; Sarti, 2015; Amorim, 2016; Sunfeld, 2016; Carmo, 2017; Caron, 2019; Siqueira, 2019).

Encontrar com os modos de viver produzidos nos territórios pulsava em mim como possibilidade de encontrar-conhecer modos de cuidar das vidas a partir de uma constelação de sabedorias e fazeres que poderiam interrogar e produzir deslocamentos nos modos instituídos no SUS, especialmente no contexto de acirramento dos ataques que têm amplificado as linhas de força do gerencialismo e da parametrização das ações nos serviços de saúde (Mendes; Carnut; Melo, 2023; Feuerwerker, 2024; Ayres; Mendes; Almeida; Devincenzi; Guimarães; Calazans; Bianchi; Yamashiro, 2025)

1 Percorso metodológico... tessituras de um processo cartográfico

Carregando as experiências e implicações sobre um modo de fazer pesquisa em saúde mais compartilhado que reconhece o outro como produtor de conhecimentos, a caminhada de pesquisa estava orientada pelo pressuposto de que o “método é o encontro”; “o resto são ferramentas” (Lima; Merhy, 2016, p. 18).

Nos rastros deste princípio, outro pressuposto fundamental era o de que a construção de um processo cartográfico requer a experimentação de in-mundizações, pois um pesquisador in-mundo “mistura-se, afeta-se com o processo de pesquisa, diluindo o próprio objeto, uma vez que se deixa contaminar com esse processo, e se sujando de mundo, é atravessado e inundado” (Abrahão; Merhy; Gomes; Tallemberg; Chagas; Rocha; Santos; Silva; Vianna, 2016, p. 23). Ao produzir um corpo in-mundizado, poroso ao não saber e às imprevisibilidades dos encontros, o outro é reconhecido como

parte e produtor de redes de conexões existenciais que podem favorecer processos que deslocam o instituído na direção de ações mais compartilhadas – a vidas tomadas como guias de outros modos de fazer pesquisa e de outras formas de produzir saúde (Abrahão; Merhy; Gomes; Tallemborg; Chagas; Rocha; Santos; Silva; Vianna, 2016).

Orientava também a caminhada, a premissa de que o importante na cartografia “diferentemente do mapa é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações”, pois, no processo de construção da investigação “nada mais é fixo, nada mais é origem, nada mais é centro, nada mais é periferia, nada mais é definitivamente, coisa alguma” (Rolnik, 1989, p. 62). A abordagem cartográfica possibilita recolher/dar alguma visibilidade aos processos de subjetivação e produção de valores que povoam o cotidiano da vida em seus múltiplos planos. Ela possibilita o mergulho no processo micropolítico de produção das existências.

Partindo desta implicação ético-política-estética, os instrumentos e procedimentos inicialmente adotados foram a observação participante, conversas (que eram diálogos nos encontros com participantes da pesquisa para aproximações com seus processos de produção de vida) e registros (imagens, vídeos e composição de diário de campo). Com o caminhar da pesquisa, outros movimentos aconteceram como escritas das/os participantes da pesquisa e intervenções-performances e rodas de conversa com integrantes de alguns coletivos. Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAEE: 27159214.9.0000.5291).

Para onde caminhar? Com quem e com quais coletivos encontrar? Apostamos que a Zona Sul da cidade de São Paulo seria um lugar muito potente para a construção de minha pesquisa, considerando o histórico de lutas e resistências da região, expresso em múltiplos planos – artístico, cultural e de militância política – e elegemos a Cooperifa⁴ como um possível portal de acesso a esse mundo fervilhante em que queríamos mergulhar.

Ato 1 – Do que não é visível... travessias para mundos outros

Teríamos carona para a Cooperifa! Logo estávamos no carro do amigo de uma companheira também do grupo. Esta foi uma das marcas do percurso. Várias experiências no campo foram acompanhadas por amigas e amigos com quem partilhava interesses e implicações ético-políticas-estéticas.

4 O Sarau da Cooperifa foi criado pelo poeta Sérgio Vaz e amigos da cena cultural paulista em 2001 e desde 2024 está com as atividades suspensas para “reflexões sobre mudanças necessárias”, conforme comunicado na rede social da Cooperifa.

Sim, um trabalho de campo de doutorado pode não ser solitário, ele pode ser compartilhado em diferentes dimensões. Rigor metodológico sem rigidez no fazer! Seguíamos um pouco atrasados. Entre muitas curvas e subidas pelo Jardim São Luiz, zona sul da cidade de São Paulo, via a paisagem pela janela do carro sem nenhuma referência do território. De repente, saltou da conversa: “Ah, sei a fábrica de Cultura! Não é aqui?!” Olhei para o lado e vi brevemente um prédio branco de vários andares. Seguia desorientada entre as sucessivas descidas e subidas. Incômodas desorientações que podem nos ajudar a produzir porosidades ante o imprevisível, ante as fragilidades de um não sabido. Meu corpo estrangeiro, aquele que experiencia as inconstâncias de acontecimentos de presença no encontro como o inesperado e estranhamentos para aprendizagens de um fazer coletivo (Bichara; Domingues; Casetto, 2024), seguia buscando alguma conexão. Após a subida de mais uma ladeira, avistei o bar do Zé Batidão, local que eu “conhecia” pelas buscas de vídeos e textos sobre onde aconteciam os encontros do Sarau da Cooperifa. Uma súbita familiaridade me habitou! Finalmente, estávamos na Cooperifa!

Ao nos acomodarmos, chamou nossa atenção uma árvore no centro do bar. Passamos alguns minutos a falar sobre como ela habitava o espaço de forma majestosa. Um corpo ancestral que irrompia o teto produzindo conexões com o céu noturno. Árvore-corpo! Nossa atenção também foi capturada pelas obras de arte que circundavam o que parecia ser o proscênio do Sarau. Também nos dedicamos a falar sobre grande quantidade de livros na parede ao lado do balcão. Experimentávamos um encontro com gentes de todos os lados, de perto e de longe, compondo e vivenciando a alegria de partilharem a transformação “do boteco do Zé Batidão no grande centro cultural”, como anuncia o poeta (Vaz, 2011, p. 35). Vidas que faziam corpo com uma potência que já nos arrebatava antes mesmo das vidas que partilhariam suas poéticas entrarem em cena desde os territórios que habitavam, como também conta o poeta (Vaz, 2011, p. 35) “professores, metalúrgicos, donas de casa, taxistas, vigilantes, bancários, desempregados, aposentados, mecânicos, estudantes, jornalistas, advogados, entre outros” (Mendes; Silva; Rodrigues; Feuerwerker, 2019).



Figura 1: Primeira ida ao Sarau da Cooperifa (Foto: Paula Bertolucci)

Logo avistei uma existência que já “conhecia” de minhas buscas sobre a Cooperifa. Não demorou muito para um poeta anunciar: “Vamos receber com muita alegria a estrela da Cooperifa. A nossa Griot: Dona Editeeeee!” Ele entoou o grito que foi acompanhado de forma efusiva por todas e todos ao som de palmas: “Uh, Dona Edite! Uh, Dona Edite! Uh, Dona Edite!”. No mesmo instante, Dona Edite escancarou um enorme sorriso agradecendo com acenos e beijos. Nossas vidas não foram mais as mesmas!

Ao final do Sarau não me aproximei imediatamente de Dona Edite. Eram várias as pessoas a cumprimentá-la. Estava tensa por sentir o peso de estar ali buscando abrir possibilidades de conversas para minha pesquisa. De repente, minha amiga levantou-se dizendo que iria até Dona Edite. Meu corpo-pesquisadora em tensão e minha amiga indo tranquilamente conversar com Dona Edite. Um alívio me percorreu. Eu recebia um apoio que não é do dizível. Fiquei a observar: minha amiga aproximou-se e curvou-se diante de Dona Edite que a escutou com atenção e em seguida lhe sorriu. Aproximei-me. Sentei ao lado de Dona Edite que segurava as mãos de minha amiga. Esperei uma oportunidade para falar. Em uma breve conversa experienciamos a delicadeza e alegria que transbordavam daquela existência. Acolhimento e amorosidade em ato.

Estou começando um estudo, buscando conhecer as histórias das pessoas da região e gostaria de lhe contar um pouco...

Olha, que interessante!

Por isso estou hoje aqui com alguns amigos. Você aceitaria conversar comigo um dia?

Claro, que aceitaria! Vai lá em casa! Moro aqui pertinho.

Na semana seguinte, eu e meu companheiro de vários percursos, estávamos no sofá de Dona Edite. Memórias de sua chegada em São Paulo desde Minas Gerais com sua família na década de 1970, o sofrimento da perda da visão e a nada fácil produção de outro modo de existir com o apoio de várias vidas daquele território que também é marcado por várias lutas para outras condições de moradia, de saúde, arte-cultura e lazer. Histórias que se misturavam à própria história de Dona Edite... histórias de micropolíticas de resistências entremeadas com gargalhadas esparramadas, falas mais emotivas e súbitas recitações de poesia de Dona Edite. Horas se passaram sem percebermos. Uma temporalidade que não cabia nas marcações do relógio. Vivenciávamos uma delicada temporalidade própria das belezas e miudezas de um viver em sua singularidade generosamente partilhado conosco. Lembrei-me da expressão evocada pelo poeta na semana anterior: Griot!

A porta de acesso ao longo corredor da casa abria-se. Zazá, irmã de Dona Edite, aproximou-se delicadamente. Ela nos cumprimentou com um olhar afetuoso e um sorriso discreto. Ali permaneceu por alguns minutos enquanto Dona Edite seguia contando sobre grupo de convivência que ambas integram há mais de 20 anos.

No Flor de Lis, gosto muito do lado da dança. Você vai falar que não enxergo e gosto de dançar. Descobri que mesmo sem enxergar dá para fazer uma série de movimentos. Penso que a vida é sempre um redemoinho. Você tem que rodar. Fiquei parada muito tempo em casa, por anos. Foi um período muito triste. Fazer essa volta não foi fácil. Sou mais feliz agora que quando enxergava pouco, porque tinha expectativa de melhora. De dez anos para cá recebo muito das pessoas. O professor Márcio Batista me convidou várias vezes para estar na escola, o professor Fábio para encontros no CEU. Fui convidada para uma entrevista na CBN, para encontros realizados pelo Marcelino Freire no Sesc de Campinas. Sinto que as pessoas não se aproximam por dó que me valorizam. Gosto muito de falar de todos. Aprendo muito (Dona Edite)

Zazá ficou conosco em vários momentos. Como era bom sentir sua suave presença. Dona Edite nos contou que Zazá era uma das pessoas em quem: “deposita sua confiança para que seus pezinhos possam seguir se movimentando”. Nas apresentações do grupo Flor de Lis e nas andanças de Dona Edite nos vários espaços culturais da cidade, lá seguem as duas: entrelaçadas.



Figura 2: Dona Edite e Zazá (da esquerda para direita) na apresentação do Grupo Flor de Lis no Festival Câmbia, organizado pelo Instituto Favela da Pazna Escola Estadual Oscar Pereira Machado, Jardim Nakamura, zona sul da cidade de São Paulo (Foto: pesquisadora)

Sem rotas pré-estabelecidas, no fluxo do que não é visível, cheguei a um local emblemático da região: a Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim. No dia em que estávamos no primeiro encontro realizado na casa de Dona Edite, já na cozinha tomando café com bolo, ela pediu que Zazá ligasse para a coordenadora do grupo Flor de Lis: “[...] fala aqui com a Valéria. É melhor ela falar direto que eu dar recado!”. Levei um susto! Gargalhada geral!

A Casa de Cultura de M’Boi Mirim foi erguida no ano de 1984 por distintos movimentos locais que ansiavam por um espaço que possibilitasse o compartilhamento de modos de viver, cuidar e proteger os elementos que conformam as relações no território que inclui as experiências com saberes afro-diaspóricos, indígenas e nordestinos. A Casa foi o primeiro espaço

cultural da região com gestão conduzida pela comunidade, tornando-se uma referência para outras Casas de Cultura da cidade, sendo vinculada à secretaria municipal de cultura no ano de 1992. O espaço é frequentado por crianças, jovens, adultos e velhos que integram diferentes grupos, como o Flor de Lis e o Espírito de Zumbi que persistem desde o período de sua fundação. Persistências que se inscrevem como movimentos de defesa produzidos por moradoras/es não moradoras/es da região contra as permanentes e intensivas tentativas de desmantelamento desferidas por várias linhas de força que atravessam duramente o espaço (Mendes, 2020).

Casa-maternidade, Casa-berço, Casa-Quilombo foram algumas das denominações que emergiram das conversas em que a Casa de Cultura era colocada em cena por integrantes da pesquisa. Casa-Ponte para experimentações singulares de si que não se separam de uma produção vital de convivialidades coletivas. Casa-Rio que permite navegações por territórios capazes de fazer florescer, afirmar e fortalecer modos de estar no mundo. Ocupações de si e do outro. Movimentos de conexão viva com o território que está ancorado em um “trabalho de permanência”.

Trabalho de permanência é um trabalho de fortalecimento, de crescimento como pessoa, como cidadão. Só quem vai vivenciando, entende. Já ouvimos que existir um grupo aqui na Casa há trinta anos era formação de gueto. Para “eles”, o negócio é propor oficina de três meses, que é conduzida por um professor que vem e que depois vai embora. (Integrante da Casa de Cultura de M’Boi Mirim e morador do território).

Permanências-defesas do espaço que se dão de muitos modos... viventes que vêm, ficam, passam, saem, voltam em suas ocupações de mundos que de algum modo aterram-se a esta Casa.

A Casa de Cultura é uma explosão! Tanta gente passou por lá criando histórias e estão com trabalhos incríveis. As Capulanas [Capulanas Cia de Arte Negra] começaram ali, fizeram PUC, foram para África disseminando a cultura negra. Meu cabelo virou crespo de novo [gargalhada] e o delas também. A Gal Martins, mulher negra, gorda, periférica que faz nome no mundo da dança contemporânea que só tinha no centro da cidade e lugares de gente branca com dinheiro. Ela levou isso para o povo negro e periférico, com visão política. O Panelafro é uma festa de grande potência também que acontece lá há muitos anos que fortalece vários artistas e grupos [...] (Integrante da Casa de Cultura de M’Boi Mirim e moradora do território).



Figura 3: Apresentação do Bloco Afro É Di Santo em uma das Festas do Panelafro na Casa de Cultura de M'Boi Mirim experienciadas no período da pesquisa. (Foto: pesquisadora)

A partir do encontro com Dona Edite meus passos inter cruzaram-se com os caminhos de várias coletivas da região. Pude reconhecer também como os caminhos desta constelação de existências entrelaçam-se à Casa de Cultura de M'Boi Mirim, na qual Edite e Zazá seguem vivificadas como guardiãs em exuberantes pés de coqueiro nesta Casa-Terreiro-Quilombo, como conta a música de um dos mais antigos de seus integrantes.

Dois pés de coqueiro plantados por duas grandes mulher
 Uma se chama Edite, a outra se chama Isabé
 Dona Edite, Dona Isabé me tire um cocô de seu pé
 Guardiãs do terreiro
 Da Casa de todos nós
 Quilombo de resistência que Dona Edite Isabelô
 Arakunrin⁵

Conexões que, a seus modos, davam a ver cultivos e partilhas que ajudaram na germinação dos mundos produzidos por estes/as viventes como poetas, escritoras/es, professoras/es, rappers, artistas da dança e do teatro. Existência-baobá!

5 Um dos criadores do grupo Espírito de Zumbi na Casa de Cultura em 1991, do qual segue à frente na Casa de Cultura com os encontros de Capoeira.

Toda vez que vejo Dona Edite declamando, acredito que há seres mais poesias que gente. Dona Edite quando se levanta ao microfone, atrai todas as atenções e os nossos corações vibram na potência entoada em cada palavra em que sentimos a beleza e o mais profundo de sua alma. Quem vê Dona Edite uma única vez, jamais a tira de sua memória. Jefferson Santana⁶

Ato 2 – Do visível na ocupação de mundos... Performances poético-insurgentes de mulheres pretas para outras confluências com a arte, cultura e produção de vida

Ao entrar com um de meus companheiros de campo no teatro da Fábrica de Cultura do Jardim São Luiz, zona sul da cidade de São Paulo, vimos as cadeiras dispostas no palco formando um grande círculo. À medida que nos aproximávamos, os objetos que compunham o cenário no interior do círculo se tornavam mais nítidos para nós. Várias cabaças dispostas em um ponto do palco chamavam atenção. Em outro ponto, uma vasilha de cerâmica com água e pedras de vários tamanhos. Já em outro ponto, muitos discos de vinil dispostos no chão.

Estariamos bem perto das Agbaras nas cadeiras-plateia. O espetáculo seria ali, a poucos centímetros de nós. Corpo a corpo com as Agbaras!

Uma estranha sensação me invadiu: de que poderia ser escolhida em casos de interação com o público. Uma das várias desterritorializações que meu corpo-pesquisadora lidava em ato. Outro deslocamento vivenciado no processo foi o de experienciar os registros do encontro no corpo, descolando-me da produção de registro por fotos ou registros escritos. Captar-registrar-recolher-receber as imagens, sonoridades, cores e gestualidades por outras vias, ativar o sensível para instaurar no corpo-cartógrafo outras linhas de experimentações-afetações-recolhimentos do vivido. Assim, eu aceitava os inesperados convites que os encontros de meu campo produziam... estranhamentos de uma travessia viva.

As Agbaras entram em cena junto com a musicista. Cada uma toma seu lugar. No compasso do atabaque, a musicista entoa um canto que traz para a cena orixás. Diante de nós, as Agbaras e sua Vênus Negra começavam a explicitar modos de engolir o mundo!

⁶ É escritor e poeta e escreveu esta poesia para o presente que ofertei a Dona Edite em formato de CD com a participação de poetas, escritores e artistas participantes da pesquisa.

Cena

Uma Agbara anuncia:

“29 de novembro de 1815. É! Foi 29 de novembro de 1815. E aqui ainda estamos. Eu, você, você, todas nós! Seguindo com as nossas vivências e as nossas experiências, mas sempre resistência. São farelos de tempo que traçam os nossos caminhos [inspira e assopra]. São sopros [inspira e assopra], são sopros [inspira e assopra]. Sopros de sobrevida. No latim, pesada, pouco certa, espessa! Ah, e desequilibrada em suas proporções. Afiadas e certeiras ao legitimar uma única condição [bate na barriga com força várias vezes]: essa serve só para parir. Ventres largos [bate novamente na barriga], tetas fartas [segura os seios]. E isso. Isso são traços de nossas histórias. Ah, mórbida, devassa e doente! [risada forte]. O ontem que se revela no hoje. Memórias de um futuro latente e é gritante. E nós? nós, escapes constantes. E hoje estamos aqui todas despidas de qualquer mágoa e junto trazemos o nosso Manual de como engolir o mundo presente. Hoje aqui para vocês e com vocês o Manual de como a gente engole tudo isso. Tenham todas e todos. Um ótimo espetáculo”.

Agbara senta-se em uma cadeira a ela reservada em um ponto da roda. As demais Agbaras se movimentam pelo palco. Elas nos cumprimentam, perguntam se estamos bem, enquanto ajustam a posição de algumas cadeiras. As Agbaras tomam seus lugares no palco. Uma permanece no centro do palco.

Cena

“Eu preciso de duas pessoas. Porém, eu escolho e não aceito não como resposta. Aqui tem giz e quero que vocês façam uma amarelinha”. Os rapazes escolhidos desenharam no chão. “Muito bem, palmas para eles” [eles são aplaudidos por nós]. “Podemos começar?” [música instrumental com predomínio de saxofone]. Uma Agbara fala com firmeza: “Gorda! Baleia! Saco de areia!”

As outras acompanham repetidamente: “Gorda, baleia, saco de areia. Gorda! Gorda!” As quatro gritam sem parar. Silêncio. A música segue. Agbara ao centro do palco percorre a amarelinha desenhada há pouco pelos rapazes. Ela perde o equilíbrio algumas vezes do altíssimo salto que usava. A música instrumental segue e começa o refrão *you make me feel like a natural woman*, na voz de Aretha Franklin.

Agbaras gritam para ela: “Diva, gostosa, maravilhosa, linda, poderosa, fechamento!”

Uma Agbara ao centro do palco diz: “Essa música é a mais linda. Uma deusa por ser empoderada, por gostar de ser preta e gorda. Mas, na balada, nunca sou beijada. Eu não sou padrão. Quem tem coragem de me beijar agora? Quem tem coragem de me beijar agora?”. [Percorre o palco perguntando para o público]. “Quem tem coragem de me beijar agora?” [Segue perguntando e percorrendo o palco rapidamente]. “Ninguém tem

coragem de me beijar! Diva, maravilhosa, dona da porra toda! Diva, deusa e como as pretas e gordas ficam? Só com as curtidas. Só com as curtidas. Diva, maravilhosa, dona da porra toda! Linda, deusa!”.

Cena

O foco ilumina a Agbara sentada no chão em meio aos discos de vinil. Ela: “Não, espera! Apaga a luz. Eu só consigo se for no escuro”. [Ela sussurra. Movimenta-se no chão. A música para. Ela está ofegante]. Ela grita: “Nega do cabelo duro que não gosta de pentear” [Grito de dor]. “Quando passa na boca do tubo o negrão começa a gritaaarr. Pega ela aiii pra que? Pra que? Pra passar batoommm. Que cor? Que cor? Violeta! Na boca e na buceta”. Musicista toca o berimbau que acompanha movimentos intensos em meio a gritos e urros. Percorre o palco perguntando para a plateia: “É isso que você quer? É isso que você quer?”. “Então toma. Toma! Toma!” Bate repetidamente na genitália com os braços estendidos à frente do corpo com uma mão sobre a outra. “E você? Isso que você quer? E você? Ninguém tem coragem de falar agora! Agora ninguém fala. Toma!!!” Corre em várias direções do palco. A cada parada repete o movimento de bater na região pélvica. Ela grita. A musicista ri ao berimbau. Em seguida para de tocá-lo. Agbara que corria fala para a musicista: “Você viu? Ninguém tem coragem de falar”. Outra Agbara diz: “Então vamos fazer um brinde”. A Agbara que protagonizou a cena pergunta: “E o que a gente merece? Vamos fazer um brinde. Ao matriarcado!” As Agbaras brindam ao centro do palco. Várias pessoas da plateia gritam e batem palmas. Aplaudimos as Agbaras.

Cena

Musicista canta *a capella*: Eu sou a Vênus Negra. Eu sou a Globeleza. Eu sou a Inês Brasil. Sou esposa. Sou gostosa, sou sua carne, sou o seu prazer, sou usada. Abandonada. Jogada fora. Eu sou o seu prazer, sou o seu prazer. E não tem sentimento, sou um momento, sou o presente, o passado, mas não quer ser futuro. Chega! Eu não sou sua coisa. Você não pode me tocar. Não quero ser usada, eu quero ser amada. Sou preta, sou gorda, sou mulher, sou sapatão. Eu não, eu não, sou sua exposição. Sou preta, sou gorda, sou mulher, sou sapatão. Eu não, eu não, sou sua exposição.

Cena

Musicista sai de cena e começa a tocar chocalho. Inicia uma música com ruídos agudos. Agbaras no centro do palco começam se movimentar. Sugam os corpos uma das outras. Ouve-se os ruídos dos corpos sendo sugados. Diferentes partes dos corpos seguem sendo tocadas por diferentes bocas.

Cena

Quadrados de diferentes tamanhos são desenhados com giz em vários pontos do palco por uma Agbara. Outra começa a dançar. Ela inicia pelos quadrados maiores, passando pelos intermediários, pelos pequenos até chegar em um quadrado com tamanho menor que a metade de seu pé. Dança de forma virtuosa e rápida nos quadrados. O solo de dança vai crescendo em intensidade. Ela segue dançando de um quadrado a outro.

Cena

Musicista toca o atabaque e canta: “Eh mamãe, embala eu mamãe. Abraça eu, mamãe, cuida de mim. Abraça eu, mamãe”. Todas cantam: “Eu cansei de engolir. Tudo que falam sobre mim. Eu cansei de engolir. Tudo que falam sobre mim. Eh mamãe, embala eu mamãe. Abraça eu, mamãe, cuida de mim. Canela com açúcar para cuidar. Canela com açúcar para limpar o olhar da sociedade que me faz chorar, o olhar da sociedade que me faz chorar. Canela com açúcar para cuidar. Canela com açúcar para limpar. Um salve às Agbaras e a potência para lutar!”. Agbaras cantam e aproximam-se da plateia. Cada uma convida um/uma espectador/a para participar oferecendo um pote de cerâmica com canela e açúcar. As Agbaras seguem cantando enquanto convidam quem foi escolhido/a da plateia para passarem a mistura de canela e açúcar em seus corpos. Musicista canta sozinha ao atabaque: “eu cansei de engolir tudo o que falam sobre mim. Eu cansei de engolir tudo o que falam sobre mim. Ê mamãe, embala eu mamãe. Abraça eu, mamãe, cuida de mim”. Musicista para de tocar e canta: “Um salve às Agbaras e a potência para lutar. Eu cansei de engolir tudo o que falam sobre mim”. Agbaras respondem: “Um salve às Agbaras e a potência para lutar”. Musicista inicia um solo de atabaque. Atrizes dançam de modo intenso. Espectadores acompanham atentos a cena. Após o solo da musicista, intensos aplausos reverberam fortemente.



Figura 4: Espetáculo Vênus-Negra: um manual de como engolir o mundo (Foto: Sheila Signário). Disponível em <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2014721122090686&set=pb.100060541243500.-2207520000>

Saímos do encontro muito agitados. Antes da partida, partilha de sorrisos e abraços em algumas Agbaras. Seguimos por todo o trajeto conversando. Estávamos frenéticos. Falávamos sobre as invisibilidades e sofrimentos que se atualizam e que se interseccionam em certas vidas, a respeito de que, de modo geral, pensa-se pouco, pensa-se enviesado segundo parâmetro de controle do viver e cuida-se menos ainda.

Falávamos sem parar: o que sentem, sofrem, atravessa, compõe existências produzidas socialmente – rotuladas – como mulheres negras e gordas moradoras de periferias? Que lugares são e não são reservados para estas existências? Que lugares são interditados, direta ou indiretamente, a exemplo dos modos como são concebidos espaços e produtos para seus corpos? Que corpos são privilegiados no campo da arte, incluindo o mundo do teatro e da dança? Que enfrentamentos vêm sendo produzidos e não são enxergados, como aquele que havíamos vivenciado?

— Enter Coldstar Lisa Sargent

Gal coloca que, como nos trabalhos anteriores do Zona Agbará, o espaço cênico é intimista e tem como ponto de partida uma leitura coreográfica da afrofuturismo, movimento estético, social e cultural, que combina elementos da ficção científica com história, fantasia e temáticas não ocidentais com o objetivo de retratar os dilemas negros, além de interrogar eventos históricos relacionados ao racismo global. O movimento propõe narrativas para especular o futuro e o passado, sempre da perspectiva negra, tanto afincando quanto desafiando a narrativa da hegemônica desse futuro, imaginando futuros

gshow Saiba mais sobre Dias Perfeitos, nova série original Globoplay

Vom vor!

GÊNERO | Niterói | v. 26 | n. 3 | p. 341-374 | 2. quadrimestre 2026 **357**

Aquele foi o primeiro encontro com a Vênus Negra das Agbaras. Eu ainda encontraria com elas e com Gal Martins em outras apresentações e em eventos do campo das artes, pois este é um movimento constitutivo de um processo cartográfico. Encontrar várias e várias vezes na cartografia nada tem a ver com a construção de comparações ou com a busca por regularidades. Produzir encontros várias e várias vezes com alguém ou com coletivos na cartografia tem o sentido de experienciar as tessituras de determinadas existências em suas singularidades, buscando dar a ver as permanentes micropolíticas que constroem ou ampliam suas conexões existenciais e potências de viver. Algo como experienciar os movimentos produzidos ao longo do tempo em um determinado contexto que é atravessado por linhas de força e tensões em oposição à captação de um instante, como o retratado por uma fotografia isolada de determinada paisagem. Cartografar é experienciar processos e não os acompanhar, pois, a todo momento, nossas ações no campo de pesquisa produzem efeitos que nos ajudam a produzir porosidades para pensar-interrogar sobre um saber-fazer com o outro pelo vivido.

Noite de inverno. Desta vez estava na unidade do Sesc Santo Amaro, zona sul da cidade de São Paulo, para mais um encontro com a “Vênus Negra”. Estava novamente com um companheiro do grupo de Micropolítica e Saúde que seguia na construção de seu problema de pesquisa do doutorado em ressonância com o que experienciávamos em meu processo cartográfico.

A musicista entoava ao atabaque o canto que abre passagem para a Vênus Negra. O teatro estava lotado! A melodia que traz para cena orixás seguia ao som do atabaque. Em poucos segundos, várias senhoras começaram a se levantar e a sair do teatro. Algumas seguiram pelo espaço próximo à arquibancada, outras caminharam pelo palco e outras se deslocavam por dentro do círculo que compunha o cenário, passando bem próximo das Agbaras. O belo canto da musicista seguia ocupando intensamente o teatro! Susto! O público acompanhava espantado a saída das senhoras. Assombro! Eu e meu amigo, ele nas cadeiras perto do palco e eu na arquibancada, nos olhávamos alarmados. As Agbaras buscavam o olhar umas das outras desde as posições que ocupavam no palco. A arquibancada ficou com mais da metade dos espaços vazios. De diferentes modos, o intolerável se fez presente: nos corpos que partiram e nos corpos que ficaram. Meu corpo contraía-se de tensão!

A musicista continuava a cantar quando Gal Martins interveio: “boa noite, sejam bem-vindos. Sei que nós assustamos um pouco. Mas faz parte. São coisas que acontecem”. Com um sorriso e ao lado das outras Agbaras no

centro do palco, a sensação era a de que antes de retomarem o espetáculo, Gal produzia um delicado movimento para suavizar a violência vivida nos corpos que ali estavam, reiteradas violências em vários corpos. A percepção era a de que Gal cuidava dos afetos tristes que tomaram de assalto o espaço, buscando afirmar a potência do encontro que se iniciava.

Na tensão das violências ocorridas, eu lembrava da conversa com Gal na Fábrica de Cultura do Capão Redondo sobre as várias violências que atravessam o corpo das mulheres negras mencionadas por ela.

A Zona Agbara, a princípio, eu criei pelo desejo de voltar a estar em cena, porque vinha apenas dirigindo os meus trabalhos com a Cia Sansacroma. Convidei mulheres parceiras. Eu só queria dançar, eu juro [sorri]. Quando a gente se reúne, cheguei em um lugar que eu não tinha noção. Do quanto é potente criar processos e espaços seguros para falar das nossas questões, porque as violências são tão presentes cotidianamente que a gente, às vezes, se acostuma com elas, com as nossas dores. Esse lugar da violência obstétrica, da hipersexualização da mulher negra e gorda. “Pode ir que ela aguenta, ela é forte! Mulher negra é guerreira. Não aguento mais ouvir isso. Eu não sou guerreira. Vivo e sobrevivo em um regime extremamente racista, machista e gordofóbico. Falar que a mulher negra é guerreira, endossa essas violências [...]

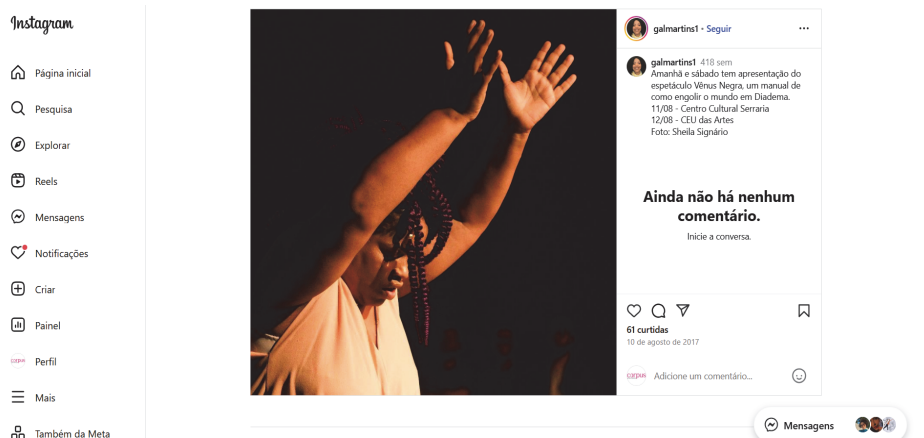


Figura 6: Gal Martins no Espetáculo Vênus-Negra: um manual de como engolir o mundo (Foto: Sheila Signário).

Diante das Agbaras, eu lembrava do relato de Gal sobre a travessia-acontecimento realizada com outras vidas em direção à Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim

Sofri muito com a questão racial na infância e adolescência que me fez ser pouco comunicativa até que entrei para a igreja, do Piraporinha mesmo, nasci e cresci ali. Comecei a participar do grupo de Jovem e um colega criou um grupo de teatro lá. Por questões de horário na igreja, eles foram ensaiar na minha casa. Eu não era do teatro, mas acompanhava tudo. Um dia pediram para eu fazer uma marcação e falei todo o texto. Aí comecei o teatro. Esse grupo começou a fazer muito sucesso e a ser convidado para lugares, não só ligados à igreja. Um dia o padre disse que era importante nos voltarmos para as questões litúrgicas, que deixássemos as apresentações fora. Metade saiu. Eu saí e pensei: quero estudar teatro. Minha vida se transformou, quando atravessei a M'Boi Mirim [avenida], porque saio da igreja e paro na Casa de Cultura. Descobrimos a Casa como um espaço para abrigar esse grupo que queria estudar teatro. Lá conheci Euler Alves, a abordagem da dança afro, porque sempre estive apartada da questão das religiões afro-brasileiras por mais que meu avô fosse um dos reis afros de Minas, não convivi com ele. Na Casa, encontrei com Arakūrin que foi e ainda é meu mestre. Fui uma adolescente que sempre estava com as pessoas mais velhas na Casa, as lideranças políticas de lá muito fortes e fui muito envolvida com as questões políticas, sociais. (Gal Martins)

Encontros abriram caminhos para encontros com um plano ético-político-estético-artístico de produção de modos de existir como apontado por Gal.

Na Casa descubro minha negritude, começo a assumir meu cabelo e entender: sou uma mulher negra. Minha história começa ali, convivendo com os mais velhos. Dona Edite, quando a conheci ela enxergava, ela me conhece desde adolescente. Ali pra mim foi um berço, além da produção artística em si, dança e teatro, tive minha formação política. (Gal Martins)

O mergulho no “rio chamado Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim”, que flui como “águas férteis de potências avassaladoras, águas que correm por território negro”, como escreve Gal no livro “A dança da Indignação” que celebra 15 anos da Cia Sansacroma por ela dirigida (Martins, 2017, p. 18), impulsionou uma miríade de navegações por uma existência que trazia as marcas de quem na infância ouviu de uma professora “você não poderá participar [do balé] porque seu cabelo não faz coque” (Martins, 2017, p. 18).

Persistentes navegações por locais vivenciados como quilombos. Experiências produzidas de modo compartilhado que seguem agenciando uma constelação de existências negras na fabricação de performances poético-insurgentes como caminho para produzir e ocupar mundos nas confluências entre arte, cultura e produção de vida, como ressaltado por Gal no encontro Espaços Compartilhados, realizado no Sesc 24 de maio, região central da cidade de São Paulo, em que dividiu a cena com artistas e gestores culturais da Bolívia e México

Com 15 anos, eu, uma adolescente iniciando sua trajetória, estava queimando pneu na estrada do M'Boi Mirim reivindicando e garantindo que um espaço super simbólico da região pudesse continuar existindo, a Casa de Cultura do M'Boi Mirim, porque o projeto era transformá-la num Batalhão da Polícia Militar. Minha trajetória foi marcada por disputa de imaginários e de espaços que são verdadeiros quilombos. Tive a oportunidade de estar na Casa de Cultura com a Cia Sansacroma fazendo uma gestão compartilhada por três anos e isso significava a possibilidade de pautar o poder público e os investimentos em políticas públicas para a periferia, principalmente de formação em arte. Interrompemos nossa gestão há um ano porque fomos expulsos, literalmente. Enxergo esses espaços compartilhados, fazendo sempre uma analogia à poética do imaginário africano, como verdadeiros terreiros, como quilombos que possibilitam criar o respeito e espaços seguros. Quando faço essa alusão aos quilombos, aos terreiros, quem já foi num terreiro sabe o quanto a vida pulsa! (Gal Martins – Encontro Espaços compartilhados)

Gal nos falava sobre processos de aquilombamento que seguem pulsando como um ato vital contra as linhas de força que buscam sufocá-los e aniquilá-los. pulsações micropolíticas, como ressaltado por ela, que bordam e transbordam modos de existir-resistir de forma coletiva em oposição aos históricos silenciamentos e apagamentos que perduram por todos os lados. Micropolíticas de produção de vida contra políticas de fazer morrer (Mbembe, 2019) nas dimensões física e simbólica.

Agente, comunidade periférica, negra, aprendeu a se organizar. O pulsar da vida está sempre presente, trazer essa possibilidade de vida. Tenho lido muito sobre Necropolítica pensando o corpo negro como suspeito e o genocídio da população negra como inseridos num projeto de morte estruturado pelas vias da polícia militar e saúde mental. Esses espaços compartilhados dão voz para que esses corpos possam sair da Necropolítica para a pulsão de vida, de afeto. Precisamos pensar os espaços compartilhados e como afeto o outro, politicamente. Como

afetar os afetos hegemônicos que constroem preconceitos, racismo, LGBTfobia, gordofobia e outras coisas? Venho pensando mais nas micropolíticas, nas relações que crio, e prefiro acreditar hoje nelas e nos arranjos de sobrevivência que vamos criando em arte e cultura. É pensar nessa disputa e no combate a esses afetos hegemônicos como espaços de segurança, de poder de fala e de reconhecimento de potências. (Gal Martins – Encontro Espaços compartilhados)

A cada encontro com Gal seja nas falas públicas, seja nas apresentações da Zona Agbara e da Cia Sansacroma, a percepção era de que emergiam linhas vivas de uma “memória de futuro”. Expressão vocalizada por ela na conversa que tivemos ao contextualizar os sentidos da ancestralidade em sua vida. Fala que possibilitou aproximações com a noção de ancestralidade segundo a perspectiva de Leda Maria Martins em *Performances do tempo espiralar* (2002).

Os teóricos das culturas africanas chamam de visão negra-africana do mundo [...] A concepção ancestral africana inclui, no mesmo circuito fenomenológicos, as divindades, a natureza cósmica, a flora, a fauna, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anéis de uma complementariedade necessária, em contínuo processo de transformação e devir [...]. Reverenciar os ancestrais significa, realmente, reverenciar a vida, sua continuidade e mudança. Somos os filhos daqueles que estiveram antes de nós [...] o passado torna-se nossa fonte de inspiração; e o futuro, nossa aspiração coletiva. Essa percepção cósmica e filosófica entrelaça no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade e a morte. A primazia do movimento ancestral matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação [...] O aforismo kicongo, ‘Ma’kwenda! Ma’kwisa!, o que se passa agora retornará depois’ traduz com sabor a ideia de que o que flui no movimento cíclico permanecerá no movimento (Martins, 2021, p. 85).

No encontro com Leda Maria Martins construí aproximações de algo que eu experienciava intensivamente no processo de buscar situar-me no entre de saberes-fazeres-enfrentamentos-modos de viver produzido por várias vidas

A cultura negra é lugar das encruzilhadas. A noção de encruzilhada, utilizada como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais

[...] Na concepção nagô-iorubá assim como na cosmovisão das culturas banto, a encruzilhada é o lugar sagrado das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimentos diversos [...] Da esfera do rito e, portanto, da performance, a encruzilhada é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e tradução, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência [...] (Martins, 2002, p. 73).

Os encontros com as Agbaras também se deram fora das paredes de teatros da cidade de São Paulo. Um destes momentos foi o Encontro Sudeste da Rede Unida, organizado por nosso grupo de estudo em conjunto com companheiras/os de nosso Observatório. Um Encontro que reuniu estudantes de graduação e pós-graduação, pesquisadoras/es, docentes, movimentos sociais. Com a consigna “Multidão de nós: existir para resistir!”, buscávamos ouvir, pensar, sentir, provocar, afetar e ser afetado pelos fazeres e saberes construídos como algo fundamental para o existir-resistir. Para tanto, pensamos na vivência de experiências de corpo ao longo do evento como possibilidade de ativar o compartilhamento de falas e questões no decorrer das discussões propostas. Um encontro para a defesa do existir como ato de estar vivo e não apenas do ponto de vista ético-político-estético-artístico da existência. Um comum que partilhado com existências a partir de diferentes arranjos, estratégias e trincheiras para a produção de possíveis. A Zona Agbara foi um dos grupos convidados considerando a intersecção entre as apostas do Encontro e de minha pesquisa ao produzir um percurso vivo com existências-guias e coletivos-guias. Uma intervenção poético-insurgente que afirmava o sentido de ocupação de mundos nos rastros do termo iorubá Agbara: força e potência.

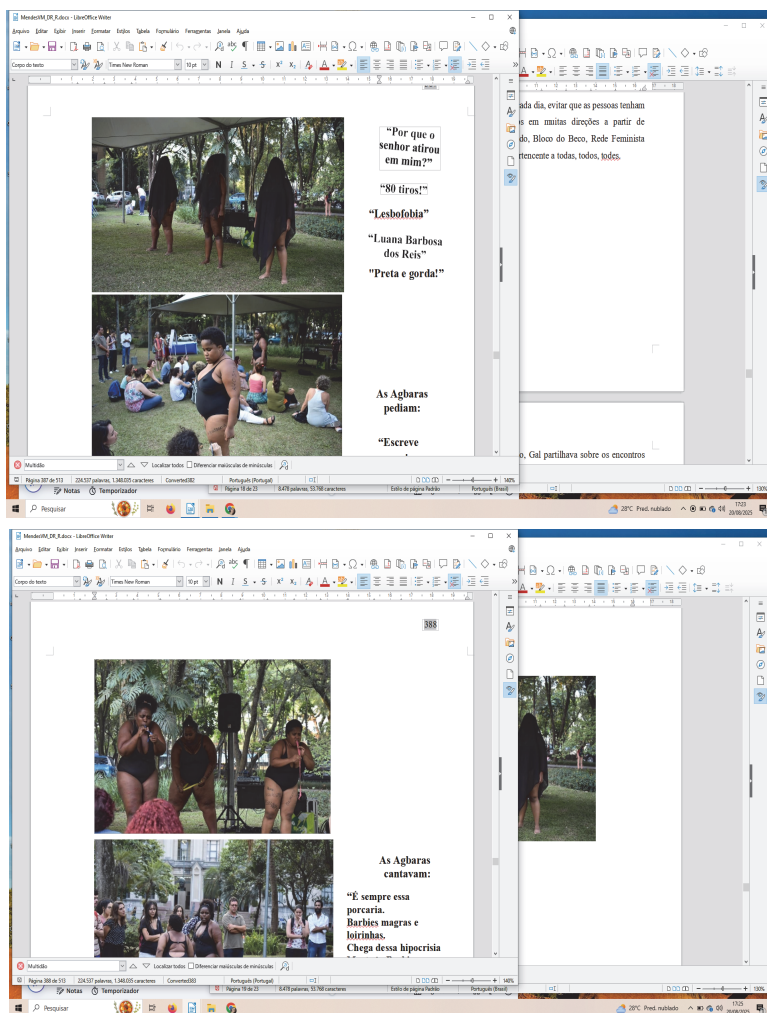


Figura 7: Intervenção artística “O que costumo engolir” no Encontro Sudeste da Rede Unida (Foto: pesquisadora)

E nossas linhas de encontros-tessituras foram mantidas pelos fluxos virtuais da crise humanitária desencadeada pela pandemia de Covid-19 que vivenciamos com companheiras/os do grupo Micropolítica e do Observatório a partir de encontros com diversas dessas coletivas para a produção de redes de apoio e solidariedade. Os encontros dos Sinais que Vêm da Rua, no 14º Congresso Internacional da Rede Unida, foi um destes momentos. No encontro denominado (EMPRE)tessituras Literárias e Criações COR(PO) ÉTICAS de Existência Gal Martins, Vilma Piedade e Lia Vieira puxaram os fios que as unem em uma experiência que evocou memórias e processos em curso de lutas e de invenções pelas tramas da literatura e do teatro.

Vivendo um perto-longe próprio do período, segui conectada com outra integrante do Zona Agbara e com outras vidas que encontrei ao longo de minha caminhada cartográfica ante uma questão urgente: mitigar a fome de quem segue na invisibilidade de becos e vielas. Redes de solidariedade, afetos, lutas e cuidados que se amplificavam em várias direções a partir de movimentos liderados por várias mulheres com as quais me conectei de outros coletivos da zona sul da cidade de São Paulo: 8M na Quebrada, Periferia Segue Sangrando, Bloco do Beco, Rede Feminista Abya Yala. Redes de afetos e de partilhas produtoras de mais vida no cuidado com crianças e entre mulheres e suas famílias por delicadas e difíceis movimentações para garantir o possível em termos de segurança alimentar, moradia, remédios, apoio psicológico ante a política de morte vigente.

Das várias movimentações produzidas por coletivos no difícil momento que vivenciávamos, pude acompanhar a forte adaptação de Vênus-Negra e os encontros denominados Live das Pesadas na companhia de outras mulheres negras de diferentes campos da arte. Outro momento de fortalecimento coletivo produzido pelas Agbaras foi o Negras Potências realizado por Gal Martins e Rosangela Alves buscando a ativação de experiências de cuidado.

Mulheres, de diferentes modos, fortaleciam redes de convivialidades, afetividades e cuidados possíveis de serem conhecidos-vivenciados pelos rizomáticos caminhos produtores de vida percorridos com a pesquisa.

Deste modo, explicitam-se intercruzamentos entre noções-chave (micropolítica, cartografia, ancestralidade, necropolítica e ocupação/produção de mundos) que têm sido constitutivas das apostas e disputas produzidas a partir de nosso coletivo de estudos e pesquisa em conjunto com viventes em seus coletivos, dentro e fora da academia.

Apostas e disputas que, orientadas pelo pressuposto de que todos os nossos movimentos são constituídos e atravessados por planos, linhas e segmentos à medida em que “tudo é político” e que “toda política é ao mesmo tempo macro e micropolítica” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 99), têm se dedicado a interrogações, experimentações e formulações nos campos da formação-pesquisa-cuidado-produção do conhecimento em saúde a partir de outro modo de estar com o outro e seus saberes, práticas e modos de existir.

Longo percurso forjado segundo singulares movimentos que remetem a um modo de fazer cartografia, justamente por serem experienciados na singularidade dos contextos investigados, na qual é basilar a composição de outro corpo a partir dos encontros produzidos com outras existências que possibilita uma permanente afirmação sobre a inseparabilidade entre

formação-pesquisa-cuidado em saúde. Aposta em produzir visibilidades ao que hegemonicamente e necropoliticamente é silenciado (Feuerwerker, 2016; Feuerwerker; Merhy; Silva, 2016; Feuerwerker; Merhy, 2016; Moebus; Merhy; Silva, 2016).

Partindo das experiências sobre um fazer cartográfico que se abre para a diferença e se deixar afetar pelas forças que compõem o processo investigado e pelas vidas que os constituem de diferentes modos (Bertussi; Baduy; Feuerwerker; Merhy, 2016), incluindo as redes vivas que se contrapõem de diferentes modos ao instituído (Merhy; Gomes; Silva; Santos; Cruz; Franco, 2016), foi possível trilhar um processo de pesquisa implicado com a produção de visibilidades e dizibilidades ainda pouco reconhecidas nos serviços, justamente porque dizem de conteúdos/formas que desestabilizam/colocam em xeque o instituído: o viver nos territórios. Processo de pesquisa marcado pela extensividade e por intensidades tendo em vista a força de cada encontro com as tensões e potências que marcam a produção micropolítica das existências nos territórios investigados.

Aqui um aspecto fundamental a ser pontuado sobre o modo como temos dado corpo aos nossos percursos cartográficos: os resultados são tomados como processo. Em nossos percursos, os resultados dizem de uma composição analítica que traz para a cena encontros com campos problemáticos inabituais e que passamos a interrogar, ao modo de uma permanente atualização e recomposição das questões que nos habitavam, sobretudo porque trazem para a cena as vidas e apostas de vida mínimas, minúsculas, muitas vezes desqualificadas e tornadas sem valor.

Neste ponto aparece um aspecto primordial do modo de fazer cartografia que temos produzido em nosso coletivo: o processamento do campo. Momento de colocar em análise o vivido de maneira individual como parte dos movimentos com a orientadora, bem como de modo coletivo com o grupo de pesquisa, propiciando o compartilhamento de questões, desconfortos, limitações, incertezas que nos ocupam e nos afetam de distintos modos ao encontrarmos com temas da vida em suas densidades e intensidades. Processamentos como espaço fundamental para favorecer a fala, a escuta e a composição de formulações que também pertencem aos viventes que produzem o campo de pesquisa conosco (Mendes; Santos; Feuerwerker, no prelo) e não apenas como um passo do processo de pesquisa a ser realizado no contexto da academia.

Foi nesta perspectiva que os encontros no decorrer deste estudo possibilitaram visibilidades sobre processos de (re)invenções de si também tecidos pela partilha de saberes-práticas-experiências urdidos a partir de

fios coletivos, como no caso das fabricações para afirmação de um local vital para distintas produções no território de M'Boi Mirim, a Casa Popular de Cultura, que abriu caminhos para muitas vidas (re)conhecerem a si mesmas e a outros viventes e operarem invenções-ocupações de mundos outros (Mendes; Silva; Rodrigues; Feuerwerker, 2019), a exemplo de Gal Martins que, a partir de fios ancestrais que seguem sustentando urdiduras na Casa de M'Boi Mirim, teceu tramas outras para si com outras vidas no/do território (Mendes, 2020; Mendes; Santos; Feuerwerker, no prelo). Visibilizar essas tessituras em sua singularidade apenas foi possível a partir de um movimento interessado em direção a esta existência e que se contrapõe diametralmente aos habituais movimentos do campo da saúde quando o tema é o viver de corpos socialmente construídos como fora da norma, ou seja, o interesse pela produção da vida em suas micropolíticas possibilitou justamente conhecer Gal Martins em suas produções de vida e com outras mulheres enxergando os múltiplos planos que a constituem: mulher-negra-gorda-periférica-artista-pesquisadora-gestora-mãe-cientista social-diretora de teatro... entre outros tantos planos – não visibilizados – que ela ocupa e produz no mundo para si com outras vidas ante as poderosas linhas de força necropolíticas que perduram. Demarcações e ocupações de mundos agenciadas pela força e potência do termo que carregam em seus corpos: Zona Agbara.

É neste contexto que as visibilidades e dizibilidades destas tessituras micropolíticas se inscrevem como sinais-aprendizagens fundamentais e possíveis para o campo da saúde. Sinais-aprendizagens que remetem a processos de escuta e reconhecimento do vivido na diferença, experiências de afirmação de si com o outro como uma existência conectada à potência de saberes, práticas e memórias historicamente desconsiderados, tessituras que agenciam cuidados compartilhados pelos caminhos de matrizes afro-brasileira e afro-diaspórica; agregação e partilha experienciados como locais de proteção e defesa de modos de existir, evidenciando ensinamentos-respostas fundamentais acerca de necessários movimentos a serem produzidos em diferentes dimensões nos campos da formação, pesquisa e cuidado em saúde.

Produções/invenções que dizem de abertura e ocupações de mundos outros (Mendes; Silva; Rodrigues; Feuerwerker, 2019) que se constituem ao modo de rizomas, sem entradas e saídas preconcebidas, que explicitam movimentos de apoio, proteção, solidariedade, convivências que seguem ativando confluências singulares de/na vida e entre vidas... micropolíticas de existência! E o que são essas tessituras-processualidades senão formas de cuidar de si e do/com o outro e produzir inauditas ocupações de mundos?

Ato contínuo... seguindo nos rastros das implicações e aprendizagens

Nosso grupo de pesquisa, o Micropolítica e Saúde, tem abrigado e se conectado à muitas iniciativas de mergulho no mundo da vida, das vidas, percorrendo essas linhas de força que, a partir de sabedorias ancestrais, sustentam modos coletivos de cuidar e de produzir vida. Por outro lado, temos também constatado o aprisionamento crescente do trabalho vivo nas unidades de saúde, a burocratização do encontro entre trabalhadoras/es e entre trabalhadoras/es e usuárias/os, o esvaziamento das conexões com os territórios vivos. Sofrimentos em profusão: de trabalhadoras/es que se sentem aprisionadas/os e impotentes – e que seguem insistindo em fabricações de cuidados vivos – e de usuárias/os que se encontram com descuidados de todas as ordens (Pereira; Feuerwerker, 2023; Livorato, 2023; Feuerwerker; Siqueira, 2022).

São escassas, muito raras também, as apostas das políticas nacionais de saúde em dispositivos que favoreçam o trabalho vivo e a descaptura do cotidiano do SUS (Feuerwerker; Merhy, 2022; Feuerwerker, 2014; 2024). São então as forças vivas dos territórios a maior possibilidade de interrogação e de produção de movimentos que fortaleçam as possibilidades de produzir o SUS público que faça valer o cuidado às vidas, todas as vidas (Santos; Feuerwerker, 2023; Moreno, 2024; Rodrigues, 2024; Santos, 2024; Henz; Domingues; Bichara; Casetto., 2024; Germano; Mendes; Feuerwerker, 2025) que, como constatamos no percurso da pesquisa, dão a ver e que ensinam sobre processos poético-insurgentes forjados a partir de redes de solidariedade, afetividade, lutas, defesas, invenções, convivialidades e cuidados tecidas de modo vivo-confluente-coletivo para a afirmação de caminhos de cuidado para si e do/com o outro e de ocupações de mundos.

Referências

ABRAHÃO, A. L.; MERHY, E.E.; GOMES, M.P.C.; TALLEMBERG, C.; CHAGAS, M.S.C.; ROCHA, M.; SANTOS, N.L.P.; SILVA, E.; VIANNA, L. O pesquisador in-mundo e o processo de produção de outras formas de investigação em saúde. In: MERHY, E.E.; BADUY, R.S.; SEIXAS, C.T.; ALMEIDA, D.E.S.; SLOMP JUNIOR, H. (Org.) **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes**. Rio de Janeiro: Hexis, 2016. v.1 p. 22-30.

AMORIM, E.M. **Rede em Saúde Mental: perspectivas e encontros rumo a redes vivas**. 2016. 150 p. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

AYRES, J.R.C.M. *et al.* Atención integral a la salud de adolescentes y jóvenes desde la perspectiva de profesionales de atención primaria, San Pablo, Brasil. **Salud Colectiva**, v. 21, p. 1-15, 2025. Disponível em: <https://revistas.unla.edu.ar/saludcolectiva/article/view/5419>. Acesso em: 21 jul. 2025.

BERTUSSI, D.C.; BADUY, R.S.; FEUERWERKER, L.C.M.; MERHY, E.E. Viagem cartográfica: pelos trilhos e desvios. In: MERHY, E.E.; BADUY, R.S.; SEIXAS, C.T.; ALMEIDA, D.E.S.; SLOMP JUNIOR, H. (Org.) **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes**. Rio de Janeiro: Hexis, 2016. v.1 p. 48-61.

BICHARA, T.A.C.; DOMINGUES, A.R.; CASETTO, S.J. Movimentos da presença, do estrangeiro e do corpo na formação para o trabalho em saúde. In: HENZ, A. O.; DOMINGUES, A.R.; BICHARA, T.A.C. (Org.). **Episódios comuns de cuidados incertos: relevos do trabalho e formação em saúde**. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2024. p.189-203.

CARMO, D. **Atenção especializada no SUS: da máquina de produção de procedimentos a uma rede de produção de cuidados**. 2017. 153p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CARON, E. **Experimentações intensivas: psicofármacos e a produção de si no contemporâneo**. 2019. 264 p. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Micropolítica e segmentariedade. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. V.3, São Paulo: Editora 34. 2012. p. 91-125.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

FEUERWERKER, L.C.M. **Micropolítica e saúde: produção do cuidado, gestão e formação**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. 174p.

FEUERWERKER, L.C.M. **Cuidar em saúde**. In: FEUERWERKER, L.C.M.; BERTUSSI, D.C.; MERHY, E.E (Org.) *Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes*. Rio de Janeiro: Hexis, 2016. v.2. p.35-48.

FEUERWERKER, L.C.M. **Trabalho e subjetividade**. In: HENZ, A. O.; DOMINGUES, A.R.; BICHARA, T.A.C. (Org.). *Episódios comuns de cuidados incertos: relevos do trabalho e formação em saúde*. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2024. p.105-129.

FEUERWERKER, L.C.M.; BERTUSSI, D.C.; MERHY, E.E. **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes.** Rio de Janeiro: Hexis, 2016. v.2. 448p.

FEUERWERKER, L. C. M.; MERHY, E.E. Um (breve) debate sobre nosso(s) modo(s) de analisar políticas. In: BERTUSSI, D. C.; MERHY, E.E.; COELHO, K.S.C.; SANTOS, M.L.M.; ROSA, N.S.F. (Org.). *O Cer que Precisa Ser: os desafios perante as vidas insurgentes.* Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2022, v. 2. p.21-34.

FEUERWERKER, L. C. M.; MERHY, E.E. Como temos armado e efetivado nossos estudos, que fundamentalmente investigam políticas e práticas sociais de gestão e de saúde? A pesquisa em atenção domiciliar. In: FEUERWERKER, L.C.M.; BERTUSSI, D.C.; MERHY, E.E (Org.) **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes.** Rio de Janeiro: Hexis, 2016. v.2. p.162-175.

FEUERWERKER, L. C. M.; MERHY, E.E.; SILVA, E. Como temos armado e efetivado nossos estudos, que fundamentalmente investigam políticas e práticas sociais de gestão e de saúde? A pesquisa sobre acesso e barreira na saúde mental. In: FEUERWERKER, L.C.M.; BERTUSSI, D.C.; MERHY, E.E (Org.). **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes.** Rio de Janeiro: Hexis, 2016. v.2. p.12-24

FEUERWERKER, L. C. M.; SIQUEIRA, P.M. **Fabricando o mundo com um pauzinho!!** As derivações dos modos de estar na vida para além das classificações nosológicas In: BERTUSSI, D. C.; MERHY, E.E.; COELHO, K.S.C.; SANTOS, M.L.M.; ROSA, N.S.F. (Org.). *O Cer que Precisa Ser: os desafios perante as vidas insurgentes.* Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2022, v. 2, p. 128-136.

GERMANO, J.M.; MENDES, V.M.; FEUERWERKER, L.C.M. Cuidados territórios e ancestralidades: fragmentos de uma pesquisa cartográfica na cidade de Salvador. In: SIMPÓSIO DISCENTE DA PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA – SIMCOL, 12., 2024, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: FMUSP, 2025. p.1–63. <https://sites.usp.br/saudecoletivafmusp/anais-do-evento-3/>

GIANNOTTI, E.M. **A organização de processos regulatórios na gestão municipal de saúde e suas implicações no acesso aos serviços: um estudo de caso do município de Guarulhos.** 2013. 133 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

HENZ, A. O.; DOMINGUES, A.R.; BICHARA, T.A.C.; CASETTO, S.J. Apresentação dos episódios. In: HENZ, A. O.; DOMINGUES, A.R.; BICHARA, T.A.C. (Org.). **Episódios comuns de cuidados incertos: relevos do trabalho e**

formação em saúde. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2024. p.17-27.

JIMENEZ, M.L.J.; CRUZ, K.T.; GOMES, M.P.C. O “combate” A “obesidade”: dispositivos de tortura e castigo em nome da saúde. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, v.6, n. 23, p. 1-12, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/debatesinsubmissos/article/view/259768>. Acesso em: 20 ago. 2025.

LIMA, F.; MERHY, E.E. Produção de conhecimento, ciência nômade e máquinas de guerra: devires ambulantes em uma investigação no campo da saúde coletiva. In: MERHY, E.E.; BADUY, R.S.; SEIXAS, C.T.; ALMEIDA, D.E.S.; SLOMP JUNIOR, H; (Org.). **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes**. Rio de Janeiro: Hexis, 2016. v.1 p. 18-21.

LIVORATO, F. **Existências em produção de cuidado: colheita de vestígios da alma e dos efeitos dos encontros em espaços micropolíticos da rede básica**. 2023. 157 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

MARTINS, G. O Pulso ainda pulsa. In: MARTINS, G.; MOURA, D.; REIS, R. (Org.). **A dança da Indignação**. São Paulo: Papel Brasil. 2017. p.17-22.

MARTINS, L. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, G.; ARBEX, M. (Org.). **Performances: errâncias territoriais e textuais, exílio, fronteiras**. Belo Horizonte: Poslit, 2002. p.69-91.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1, 2019.

MENDES, V.M. **Entre Pontes, Travessias e Encruzilhadas: corpos em tensão, inventando resistências e existências rizomáticas**. 2020. 500 p. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

MENDES, V.M.; SILVA, A. L.; RODRIGUES, A.; FEUERWERKER, L.C.M. Ocupações poéticas de si e do outro: cartografando encontros entre arte, cultura e produção da vida. *Psicologia Política*, v. 19, n. 45, 2019, p. 351-368. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7422847.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

MENDES, V.M.; SANTOS, H. E.; FEUERWERKER, L.C.M. Cartografando tessituras ético-estético-políticas para adiar fim de mundos: confluências contracoloniais entre mulheres pretas e periféricas dos territórios-margens sul e leste da cidade de São Paulo (Capítulo). Editora Fundação Fênix (no prelo)

MENDES, A.; CARNUT, L.; MELO, M.. Continuum de desmontes da saúde pública na crise do covid-19: o neofascismo de Bolsonaro. **Saúde e Sociedade**.

São Paulo, v.32, n.1, 2023, p.1-13. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902022210307pt>. Acesso em: 20 jul. 2025.

MENEZES, C.F.J.; FERREIRA, R.L.P.; MÉLO, R.S. Imagina ela nua!": Experiências de mulheres que se autodeclararam gordas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, SC. v.28, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n260118>. Acesso em: 20 ago. 2025.

MERHY, E.E.; BADUY, R.S.; SEIXAS, C.T.; ALMEIDA, D.E.S.; SLOMP JUNIOR, H. (Org.) **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes**. Rio de Janeiro: Hexis, 2016. 444p.

MERHY, E.E.; FEUERWERKER, L.C.M. Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma necessidade contemporânea. In: MERHY, E.E.; BADUY, R.S.; SEIXAS, C.T.; ALMEIDA, D.E.S.; SLOMP JUNIOR, H; (Org.) **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes**. Rio de Janeiro: Hexis, 2016. v.1 p. 59-74.

MERHY, E.E.; GOMES, P.C.; SILVA, E.; SANTOS, M.F.L.; CRUZ, K.T.; FRANCO, T.B. Redes vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. In: MERHY, E.E.; BADUY, R.S.; SEIXAS, C.T.; ALMEIDA, D.E.S.; SLOMP JUNIOR, H. (org.) In: MERHY, E.E.; BADUY, R.S.; SEIXAS, C.T.; ALMEIDA, D.E.S.; SLOMP JUNIOR, H; (Org.) **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes**. Rio de Janeiro: Hexis, 2016. v.1 p.31-42.

MOEBUS, R.; MERHY, E.E.; SILVA, E. O usuário-cidadão como guia. Como pode a onda elevar-se acima da montanha? In: MERHY, E.E.; BADUY, R.S.; SEIXAS, C.T.; ALMEIDA, D.E.S.; SLOMP JUNIOR, H. (org.) In: MERHY, E.E.; BADUY, R.S.; SEIXAS, C.T.; ALMEIDA, D.E.S.; SLOMP JUNIOR, H; (Org.) **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes**. Rio de Janeiro: Hexis, 2016. v.1 p. 43-53.

MORENO, H.V. **Ocupações imaturas entre baixa e alta imunidade**. 2024. 121 p. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

PAIM, M.B.; KOVALESKI, D. F.; SELAU, B.L. Compreendendo o termo gordofobia médica a partir da perspectiva de pessoas gordas. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, SP, v.33, n.1, 2024. p.1-14. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902024220842pt>. Acesso em: 20 ago. 2025.

PEREIRA, P.B.A. **Atenção domiciliar produção do cuidado: apostas e desafios atuais**. 2014. 134 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PEREIRA, P.B.; FEUERWERKER, L.C.M. O mundo do trabalho não é automático: o que pode operar como dispositivo para a gestão do cuidado em municípios de pequeno porte? **Saúde e Sociedade**. São Paulo, SP, v.32, n.4, 2023. p.1-14. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/73x86RwXQwq6tqK3ZvbWQgv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2025.

RODRIGUES, A. **Caminhos de Ayubu: transvisões de si e de mundos no encontro com existências e produções negras**. 2024. 96 p. (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, 2024.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

RAGO, M. **O corpo exótico, espetáculo da diferença. Labrys — Estudos Feministas, n. 13, 2008..** Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys13/perspectivas/marga.htm>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SANTOS, H.E. **Uma cartografia diversal: misturando o corpo com as águas insurgentes/subterrâneas da ZL** 2024. 129 p. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, 2024.

SANTOS, L.F.M.; FEUERWERKER, L.C.M. Muro, segregação e sementeiras: recultivando uma investigação da vida em um território de invis(c)ivilizações. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 32, n.1, 2023, p. 01-11. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/hGTfdvDvmVGpBwQYwqMRzpR/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2025.

SARTI, T. D. **A (Bio)política da Saúde da Família: adoecimento crônico, micropolítica do trabalho e o governo da vida**. 2015. 211 p. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SIQUEIRA, P.M. **(Des)aprendizagens nômades com os viventes de rua: sobre os modos outros de estar na vida**. 2019. 130 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019..

SUNFELD A.C. **Apoio como dispositivo: conexões, invenções e provocações à produção coletiva do cuidado e da gestão no município de São Bernardo do Campo**. 2016. 209 p. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SILVA, J.G.; MEZZAROBÀ, C. Discursos midiáticos e o fenômeno da gordofobia: Teoria do Estado do Conhecimento. **Revista Pensar a Prática**. Goiânia, v.27, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v27.74571>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SODRÉ, M. **O fascismo da cor – uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis: Vozes, 2023.

VAZ, S. **Literatura Pão e Poesia: histórias de um povo lindo e inteligente**. São Paulo: Global Editora. 2011.

Recebido em setembro de 2025.

Aceito em maio de 2026.